

DOIS SENTIDOS DE PARTICIPAÇÃO EM PLATÃO

Otacilio Luciano de Sousa Neto¹

RESUMO: Este artigo visa observar a ocorrência dos termos que dizem participação nos passos 130b e 130e do *Parmênides* de Platão com a finalidade de distinguir duas concepções pouco explanadas nos estudos da ontologia platônica: um sentido de participação mutável, no qual um ente pode tornar a participar de uma Forma e possuir um predicado e outro sentido de participação eterno no qual um participante possui eternamente um predicado (e.g.: o três é sempre ímpar), respectivamente associados aos termos μεταλαμβάνοντα e μετέχοντα. Esta distinção se torna mais clara em 155e e pode ser encontrada em outros momentos dos diálogos platônicos, como por exemplo, no *Fédon*.

Palavras-chave: Platão, *Parmênides*, participação.

ABSTRACT: This paper aims to observe the occurrence of terms that say participation in steps 130b and 130e of Plato's *Parmenides* in order to distinguish two conceptions poorly explained in the studies of Platonic ontology: a sense of changeable participation, which an entity can begin to partake in a Form and get a predicate and another sense of eternal participation in which a participant eternally possesses a predicate (eg: three is always odd), respectively associated with the terms μεταλαμβάνοντα and μετέχοντα. This distinction becomes clearer in 155e and can be found elsewhere in the Platonic dialogues, as for example in the *Phaedo*.

Keywords: Plato, *Parmenides*, participation.

São curiosas as maneiras que aparecem os termos participação nas passagens das aporias da participação, e no *Parmênides*, como um todo. Assim sendo, nossa tarefa é investigar estes termos, questionando: o que é participação?

Para que se entenda a participação, já de início, é interessante observar certas passagens nas quais Parmênides pergunta a Sócrates como se dá a participação. Lê-se:

Mas dize-me: tu mesmo assim fizeste a divisão tal como falas: de um lado certas formas mesmas, de outro as coisas que delas participam? E te parece a semelhança mesma ser algo, separada do que temos, e também o um e as múltiplas coisas e todas as coisas que há pouco ouviste de Zenão?² (PLATÃO, *Parmênides*. 130b)

¹ Mestrando em filosofia pela Universidade Federal do Ceará.

² καί μοι εἰπέ, αὐτὸς σὺ οὕτω διήρησαι ὡς λέγεις, χωρὶς μὲν εἶδη αὐτὰ ἅττα, χωρὶς δὲ τὰ τούτων αὐτὸ μετέχοντα; καὶ τί σοι δοκεῖ εἶναι αὐτὴ ὁμοιότης χωρὶς ἧς ἡμεῖς ὁμοιότητος ἔχομεν, καὶ ἐν δὴ καὶ πολλὰ καὶ πάντα ὅσα νυνδὴ Ζήνωνος ἤκουες;

De antemão, é possível homologar uma determinada concepção questionada por Parmênides. As Formas estão separadas [χωρῖς] das coisas de que delas participam. Parmênides pergunta se as Formas são separadas dos entes que delas participam. A resposta de Sócrates é afirmativa, e, portanto, é posição de Sócrates que as Formas são separadas dos participantes. Isto não quer, dizer, necessariamente, que as Formas são, de fato, separadas dos itens que delas participam, apenas quer dizer que Sócrates aceita tal concepção neste momento do diálogo.

O problema da separação em Platão é muito discutido, e, nas próximas palavras, não cabe levantar, novamente, este problema³. Entretanto, a passagem apresenta que há Formas e coisas que delas participam [μετέχοντα]. O termo μετέχοντα é participípio presente, portanto, não indica, necessariamente entes sensíveis, mas, quaisquer coisas que possa participar das Formas, sejam entes sensíveis, ações e outras Formas⁴.

Nada obstante, algumas palavras depois, a pergunta é refeita com algumas alterações. Vê-se:

[...] Mas dize-me o seguinte: parece-te, como dizes, haver certas formas, em tendo participação nas quais essas outras coisas aqui recebem suas denominações? Por exemplo: se têm participação na semelhança, as coisas se tornam semelhantes, se na grandeza, grandes, se no belo e na justiça, justas e belas?⁵ (PLATÃO, Parmênides. 130e - 131a)

Nesta nova passagem novidades são expressas. A primeira nova é de que as coisas que participam das Formas recebem delas denominações [ἐπωνυμίας]. Assim, é importante lembrar, quando algo participa da Semelhança este se torna semelhante, quando participa da Grandeza recebe o predicado grande, e, na Beleza e na Justiça, recebe os adjetivos belo e justo. A outra novidade é o termo usado para dizer participação: μεταλαμβάνοντα.

Mas podem dois termos dizer o mesmo?

Μεταμβάνειν é verbo na terceira pessoa do singular do presente do indicativo da voz ativa, originário do termo μεταλαμβάνω. O termo μεταλαμβάνω pode ser entendido primeiramente por “ter ou obter uma parte, participar”. Este sentido guarda a

³ Para ampliar a discussão deste problema, conferir: FUJISAWA, 1974. Conferir também: FINE, 2003, pp. 252-301. NETO, 2016.

⁴ Cf. PLATÃO, *República*. 476a.

⁵ τὸδε δ' οὖν μοι εἰπέ. δοκεῖ σοι, ὡς φής, εἶναι εἶδη ἅττα, ὧν τάδε τὰ ἄλλα μεταλαμβάνοντα τὰς ἐπωνυμίας αὐτῶν ἴσχειν, οἷον ὁμοιότητος μὲν μεταλαβόντα ὅμοια, μεγέθους δὲ μεγάλα, κάλλους δὲ καὶ δικαιοσύνης δίκαιά τε καὶ καλὰ γίνεσθαι;

possibilidade de ler μεταλαμβάνω apontando para “uma parte recebida ou adicionada”. Um segundo sentido aponta para algo que se “recebe em sucessão, ou posteriormente”. Outro sentido refere-se a algo que “se toma como alternativa, que se toma em troca, que substitui”. E em seu quarto sentido, “ser mudado”⁶.

Para μετέχειν não aparecem tantos sentidos, e os que aparecem não são claramente úteis. O termo μετέχειν é o infinitivo presente da voz ativa do termo μετέχω. O termo μετέχω, por sua vez, tem como primeiro sentido apresentado “participar, ou compartilhar em”, em outro sentido refere-se às “partes adicionadas”, e mesmo ainda diz respeito a “ser um parceiro”⁷.

É claramente reconhecível a gênese do termo μεταλαμβάνω como a junção do prefixo “μετά” ao verbo “λαμβάνω”. Também é visível a associação entre μετέχω como a junção do termo “μετά” ao termo “ἔχω”. O prefixo “μετά” traz o sentido de “juntamente com, entre, pelo auxílio de”. O verbo “λαμβάνω” tem o sentido de “agarrar, segurar, levar consigo como prêmio ou espólio, pegar, tomar em mãos, receber, tomar posse de, apreender, obter a posse de”. O verbo “ἔχω” traz entre seus sentidos “ter, segurar, como uso mais comum: possuir propriedade, manter, sustentar, reter, suportar ou segurar para si mesmo”.

Sobre a distinção de μετέχω e μεταλαμβάνω são pouquíssimas as palavras que se podem facilmente encontrar. São úteis para o trabalho, neste sentido, apenas as palavras de Cornford e Scolnicov⁸. Lê-se:

Como no Fédon, μεταλαμβάνειν (μετάσχεσις, Fédon, 101c, μετάληψις Parm. 131 a, Aristotle, cotado abaixo, p. 79) significa começar a participar quando a coisa se torna como (γίγνεσθαι), por outro lado μετέχειν é usado para ter uma participação e corresponde a ser como (εἶναι). Μετέχειν e μεταλαμβάνειν são claramente distinguidos novamente em 155E, 11-156A, 1. (CORNFORD, F. M. 1939. p69. TRADUÇÃO NOSSA)⁹.

Μεταλαμβάνει é o equivalente platônico a ‘tornar-se’, já enquanto μετέχει, ‘tomar parte em’, ou ‘participar em’, é equivalente ao predicado ‘é’. É claro, na tese de Sócrates(cf. 128e5.; ff; acima, p48), somente sensíveis podem ‘vir a tomar parte em’ algo, ou seja: nas

6 Cf. LIDDEL, H. G. SCOOT, R. 1996.

7 IDEM, ibidem.

8 Fujisawa parece elucidar o problema. Entretanto, a distinção ressaltada por Fujisawa se dá em maior força para distinguir ἔχειν de μετέχειν e μεταλαμβάνειν. E a distinção e o problema se dá para defender a tese de caracteres imanentes, e não parece tratar profundamente sobre o problema da predicção. Cf. FUSISAWA, 1974.

9 CORNFORD, F. M. Plato and The Parmenides and Parmenides’ Ways of Truth: translation with a running comment. p. 69.

Formas, as quais são diferentes deles. (SCOLNICOV, 2001. p56. TRADUÇÃO NOSSA)¹⁰.

Na apresentação de Scolnicov é claro que, para o Sócrates do diálogo, a participação se dá apenas em entes sensíveis. Entretanto, não se vê que esta tese pode ser defendida por Parmênides, uma vez que em suas perguntas ele apenas pergunta acerca “dos participantes” ou das “coisas que das Formas participam”. Ainda assim, Scolnicov distingue μεταλαμβάνει de μετέχει, associando o primeiro a “tornar-se” e o segundo a “ser” em sentido predicativo. Não suficiente as distinções lexicais apresentadas por Cornford nos termos μετέχω e μεταλαμβάνω, relacionam μεταλαμβάνω a γίγνεσθαι e μετέχω a εἶναι. Presumivelmente Cornford e Scolnicov apresentam a mesma distinção e mesma posição acerca do problema. Entretanto, deve-se perguntar: quais as razões que fundamentam esta relação?

[155e] O *um*, se é tal como discorreremos, sendo tanto *um* quanto múltiplas coisas, e não sendo nem *um* nem múltiplas coisas, e participando do tempo [μετέχον], não é necessário que ora, porque é *um*, participe [μετέχειν] da essência [οὐσίας], e ora, por outro lado, porque não é, não participe [μετέχειν] da essência [οὐσίας]?

É necessário.

Assim sendo, quando participa [μετέχει], poderá, nesse momento, não participar [μετέχειν], ou, quando não participa [μετέχει], participar [μετέχειν]?

Não poderá.

Logo, é em um tempo que ele participa [μετέχει], e é em outro que não participa [μετέχει]. Pois somente desse modo poderia participar e não participar [μετέχει].

[156a]Correto.

Assim sendo, não haverá também aquele tempo em que ele entra em participação [μεταλαμβάνει] com o ser e em que dele se afasta? Ou como será possível ora ter [ἔχειν] e ora não ter [μὴ ἔχειν] a mesma coisa, se jamais ele a apanhar [λαμβάνει] ou largar [ἀφίη]?

De modo nenhum será possível.

E o entrar em participação [μεταλαμβάνειν] com a essência não chamamos vir-a-ser [γίγνεσθαι]?

Sim, perfeitamente.

10 SCOLNICOV, Samuel. Plato's Parmenides. p. 56.

O *um* então, como parece, apanhando [λαμβάνον] e largando [ἀφιέν] a essência, tanto vem a ser quanto perece. (PLATÃO, *Parmênides*. 155e-156a).

A passagem acima apresenta um problema que poderia ser uma insolúvel aporia da participação.

O que é apresentado, de início, é uma determinada concepção acerca do *um*, o qual pode ser entendido ou bem ora como *um*, ou bem ora como muitos ou múltiplos (πολλὰ). Todavia, se o *um* pode ser ora entendido como *um* e ora como πολλὰ, ora ele pode não ser entendido como *um* ora não pode ser entendido como πολλὰ. E, participando do tempo, é necessário admitir que algum tipo de mudança, uma vez que um item (x) que participa da forma (F) ora pode ser retentor de um predicado (f) em razão da participação, ora pode não ter mais tal predicado (f) e, portanto, não ser mais um participante da Forma (F). O que se diz, precisamente, é: o participante do tempo (μετέχον χρόνου), a um tempo participa de uma propriedade (οὐσίας μετέχειν ποτέ), a outro tempo não participa da propriedade (μὴ μετέχειν αὐτὴ ποτε οὐσίας)¹¹.

Seguindo esta análise o participante do tempo (μετέχον χρόνου) tendo como motivo um só aspecto, ser participante do tempo (μετέχον χρόνου), ora é participante ora não é participante da propriedade (οὐσίας). Isto é, semelhante a posição de Zenão no início do diálogo, impossível. Isto é impossível uma vez que é uma contradição: sob o mesmo aspecto, ser participante do tempo, o participante é e não é participante da propriedade (οὐσίας). Assim sendo, o tempo é causa de um participante possuir alguma propriedade (beleza, justiça, etc.) e não possuir esta mesma propriedade. É claro, como é afirmado no diálogo, que não poderá “quando participa (μετέχει) (...) não participar (μετέχειν), ou, quando não participa (μετέχει), participar (μετέχειν) (PLATÃO, *Parmênides*. 155e).”

Eis uma aporia da participação: por participar no tempo algo é e não é. Entretanto, para esta há solução? A solução é a instauração de dois momentos temporais: (i) o momento em que participa e (ii) o momento em que não participa. O instaurar destes dois momentos resolve a contradição, pois, é em um momento que se diz que participa e, em outro momento distinto, se diz que não participa.

11 É possível entender, a partir da *República* 476a, que além de entes sensíveis, é possível que ações, Formas e predicados participem de Formas. Neste caso, contudo, entende-se que participar em uma propriedade [οὐσίας] não é outra coisa que não possuir [ἔχειν] uma determinada propriedade em razão da participação na Forma. Cf. FUJISAWA, 1974. Conferir também: NETO, 2016.

Até então, o único termo usado para dizer participação nesta passagem é μετέχω, em suas devidas conjugações e, ou, declinações. E é brilhante pois em grego a última palavra usada em 155e é μετέχοι. Eis que acaba 155e, começa 156a, e o termo μετέχω nem mais irá surgir no argumento. O termo usado agora para dizer participação é μεταλαμβάνω.

Relembra-se: μεταλαμβάνειν é distinto de μετέχειν. O primeiro, sob análise lexical, teria um sentido aproximado de “juntamente com o agarrar”, o segundo, “juntamente com o possuir”. Em contraposição ao apanhar (λαμβάνω) tem-se o largar (ἄφω).

Assim o ente entra em participação (μεταλαμβάνει) e com isso ele apanha (λαμβάνει) por participar (μεταλαμβάνει) determinada propriedade (οὐσία), e têm essa propriedade (ἔχει), mas não eternamente (como em μετέχω), mas por um tempo efêmero, que dura apenas até largar (ἄφει) a propriedade que retêm na participação e a participação (μεταλαμβάνει) cessar.

Este sentido de participação, fugaz, apresenta claramente a presença do conceito de “vir-a-ser” para a compreensão de seu sentido, e, por vezes, este conceito se dá grafado em grego através do termo γίγνομαι. Este caso, certamente, se dá no *Fédon*, na emblemática passagem que parece ser a capital para entender a participação em Platão.

O que me parece é que se existe algo belo além do belo em si, só poderá ser belo por participar desse belo em si. O mesmo afirmo de tudo o mais. Admites essa espécie de causa?

Admito, respondeu.

Então, já não compreendo, continuou, as outras causas, de pura erudição e nem consigo explicá-las. E se, para justificar a beleza de alguma coisa, alguém me falar da sua cor brilhante, ou da forma, ou do que quer que seja, deixo tudo o mais de lado, que só contribui para atrapalhar-me, e me atenho única e simplesmente, talvez mesmo com uma boa dose de ingenuidade, ao meu ponto de vista, a saber, que nada mais a deixa bela senão tão só a presença ou comunicação daquela beleza em si, qualquer que seja o meio ou caminho de lhe acrescentar. De tudo o mais não faço grande cabedal; o que digo é que é só pela beleza em si que as coisas belas são belas. Na minha opinião, essa é a maneira mais certa de responder, tanto a mim mesmo como aos outros. Firmando-me nessa posição, tenho certeza de não vir a cair e de que tanto eu como qualquer pessoa em idênticas circunstâncias poderá responder com segurança que é pela beleza que as coisas belas são belas¹² (PLATÃO, *Fédon*. 100c-e. NEGRITOS NOSSOS).

¹² φαίνεται γάρ μοι, εἴ τί ἐστιν ἄλλο καλὸν πλὴν αὐτὸ τὸ καλόν, οὐδὲ δι' ἕν ἄλλο καλὸν εἶναι ἢ διότι μετέχει ἐκείνου τοῦ καλοῦ: καὶ πάντα δὴ οὕτως λέγω. τῆ τοιαύδε αἰτίᾳ συγχωρεῖς;

O termo que se grafa em grego é *γίγνεται*, e, não há dúvidas, que o termo tem o sentido de “vir a ser¹³”. Por este motivo discordamos aqui da presente tradução, uma vez que o que Sócrates diz que é pela Beleza que as coisas se tornam belas.

É claro que a acepção Socrática não parece, como afirma o próprio Sócrates, indubitável, já que o próprio personagem que profere as palavras afirma que pode haver nele uma boa dose de ingenuidade ao defender a participação. Não obstante, como é possível que o personagem que muitíssimas vezes é o baluarte da discussão nos diálogos platônicos não estar seguro de uma tão importante doutrina? O fato é que, mesmo que Sócrates possa parecer seguro acerca da existência das Formas, ele não parece seguro de como funciona as relações que se dão onde as Formas são elementos de relação.

Nos mais importantes diálogos para a participação – os considerados por nós os mais importantes objetos de pesquisa – a saber, *Fédon*, *Parmênides* e *Sofista*, Sócrates em momento algum parece estar totalmente seguro acerca de alguma relação que se dá entre Forma e quaisquer itens que dela participar, o que não impede o personagem de homologar ou propor fortíssimos aspectos acerca da participação. No *Fédon*, mesmo que assuma que possa estar sendo ingênuo, ele assume um sentido de participação que apresenta a possibilidade de transição de um item que não é portador de um predicado e, pela participação na Forma, pode se tornar retentor de um predicado conferido pela Forma¹⁴. No *Parmênides* Sócrates apenas nos passos 129a-e irá proferir as palavras que dizem participação: *μετέχειν*, *μεταλαμβάνειν*, e em momento algum do diálogo irá dizê-las novamente, apenas aceitará ou recusará as perguntas feitas pelo personagem Parmênides. Este último, no entanto, através de suas questões, irá tratar de importantes aspectos da participação. Já no *Sofista*, Sócrates se cala logo no início do diálogo e caberá ao Estrangeiro de Eléia apresentar a teia de conexões que há entre Formas (*συμπλοκή τῶν εἰδῶν*)¹⁵.

Entranto, mesmo que Sócrates seja um personagem que legitima toda a compreensão sobre a participação, não é possível que seja alvo de contenda o sentido de participação, tanto no *Fédon* como no *Parmênides*, que traga consigo a noção de “tornar-se”, fazendo com que um item que não é x possa vir-a-ser x por participar de uma Forma X, “juntamente com o agarrar” da propriedade. Obstante, Platão não deixa de escrever:

13 Cf. LIDDEL, H. G. SCOOT, R. 1996.

14 Sócrates, inseguro e ousado, ainda irá apresentar um exemplo de outro sentido de participação.

15 Cf. PECK, A. L. Plato's "Sophist": The *συμπλοκή τῶν εἰδῶν*. 1962.

Mas, estou certo de que também admities que nunca poderá a neve, como neve, conforme dissemos há pouco, depois de receber o calor, continuar a ser o que era: neve com calor. Com a aproximação do calor, ou ela se retira ou vem a fenecer.

Perfeitamente.

Tal qual o fogo: com a chegada do frio, retira-se ou perece; de jeito nenhum, depois de receber o frio, se atreveria a ser o que antes era: fogo, a um tempo, e frio.

Falaste com muito acerto, observou.

Pode acontecer, continuou, nalguns exemplos desse tipo, que não somente a ideia em si mesma tenha o direito de conservar eternamente o mesmo nome, como também algo que diferente que, sem ser aquela ideia, apresenta-se, enquanto existe, com sua forma. É possível que com o seguinte exemplo eu deixe mais claro meu pensamento. O número ímpar terá de conservar sempre esse nome com o que o designamos. Ou não?

Perfeitamente.

[...] Seja como for, de tal modo é construída a natureza do três, do cinco e de toda uma metade de números, que apesar de cada um deles não ser a mesma coisa que o ímpar, sempre terá de ser ímpar. O mesmo passa com o dois, o quatro e toda a outra metade dos números, que, sem serem o par, sempre terão de ser pares. Admites isso ou não?

Como não admitir? Foi a sua resposta¹⁶. (PLATÃO. *Fédon*. 103d-104b).

16 ἀλλὰ τόδε γ' οἶμαι δοκεῖ σοι, οὐδέποτε χιόνα γ' οὔσαν δεξαμένην τὸ θερμόν, ὥσπερ ἐν τοῖς πρόσθεν ἐλέγομεν, ἔτι ἔσεσθαι ὅπερ ἦν, χιόνα καὶ θερμόν, ἀλλὰ προσιόντος τοῦ θερμοῦ ἢ ὑπεκχωρήσειν αὐτῷ ἢ ἀπολεῖσθαι.

πάνυ γε.

καὶ τὸ πῦρ γε αὐτὸ προσιόντος τοῦ ψυχροῦ αὐτῷ ἢ ὑπεξίεναι ἢ ἀπολεῖσθαι, οὐ μέντοι ποτέ τολμήσειν δεξάμενον τὴν ψυχρότητα ἔτι εἶναι ὅπερ ἦν, πῦρ καὶ ψυχρόν. ἀληθῆ, ἔφη, λέγεις.

ἔστιν ἄρα, ἦ δ' ὅς, περὶ ἕνια τῶν τοιούτων, ὥστε μὴ μόνον αὐτὸ τὸ εἶδος ἀξιούσθαι τοῦ αὐτοῦ ὀνόματος εἰς τὸν αἰεὶ χρόνον, ἀλλὰ καὶ ἄλλο τι ὃ ἔστι μὲν οὐκ ἐκεῖνο, ἔχει δὲ τὴν ἐκείνου μορφήν αἰεὶ, ὅταν περ ἦ. ἔτι δὲ ἐν τῷδε ἴσως ἔσται σαφέστερον ὃ λέγω: τὸ γὰρ περιττὸν αἰεὶ που δεῖ τούτου τοῦ ὀνόματος τυγχάνειν ὅπερ νῦν λέγομεν: ἢ οὐ;

πάνυ γε.

ἄρα μόνον τῶν ὄντων—τούτου γὰρ ἐρωτῶ—ἢ καὶ ἄλλο τι ὃ ἔστι μὲν οὐκ ὅπερ τὸ περιττὸν, ὅμως δὲ δεῖ αὐτὸ μετὰ τοῦ ἑαυτοῦ ὀνόματος καὶ τούτου καλεῖν αἰεὶ διὰ τὸ οὕτω πεφυκέναι ὥστε τοῦ περιττοῦ μηδέποτε ἀπολείπεσθαι; λέγω δὲ αὐτὸ εἶναι οἶον καὶ ἡ τριάς πέπονθε καὶ ἄλλα πολλά. σκόπει δὲ περὶ τῆς τριάδος. ἄρα οὐ δοκεῖ σοι τῷ τε αὐτῆς ὀνόματι αἰεὶ προσαγορευτέα εἶναι καὶ τῷ τοῦ περιττοῦ, ὄντος οὐκ ὅπερ τῆς τριάδος; ἀλλ' ὅμως οὕτως πέφυκε καὶ ἡ τριάς καὶ ἡ πεμπτὰς καὶ ὁ ἡμισὺς τοῦ ἀριθμοῦ ἅπας, ὥστε οὐκ ὦν ὅπερ τὸ περιττὸν αἰεὶ ἕκαστος αὐτῶν ἔστι περιττός; καὶ αὐτὰ δύο καὶ τὰ τέτταρα καὶ ἅπας ὁ ἕτερος αὐτῶν στίχος τοῦ ἀριθμοῦ οὐκ ὦν ὅπερ τὸ ἄρτιον ὅμως ἕκαστος αὐτῶν ἄρτιός ἐστιν αἰεὶ: συγχωρεῖς ἢ οὐ;

Para analisar a passagem do *Fédon* é necessário lembrar alguns pontos. Primeiro de que a Forma se relaciona com outros entes, sejam eles entes sensíveis ou mesmo outras Formas. Quando uma Forma tem relação com um ente sensível e o ente sensível nesta relação retém (ἔχει) uma propriedade (οὐσία) chamamos isso de participação. Antes foi visto que um ente pode possuir uma propriedade e em outro momento não mais a possuir, quando isto acontece, dizemos participação através do termo μεταλαμβάνω.

Contudo, o sentido de participação aferido no *Fédon* (130d-104b) é outro.

É sabido que em uma relação de participação àquilo que participa da Forma possui (ἔχειν), ou melhor, agarra (λαμβάνειν), uma propriedade (οὐσία) em razão da participação. Viu-se que um ente pode vir a tornar-se retentor de um predicado caso venha a ser (γίγνεται) participante da Forma, e pode muito bem não reter mais o predicado caso a participação cesse. Entretanto, é possível pensar em alguma participação que jamais cesse, apontando uma propriedade tão duradoura quanto a própria existência essencial do ente?

De antemão, este tipo de participação seria impossível, pois, os entes sensíveis, mutáveis que são, jamais se conservam idênticos, nem a si mesmos e nem em relação aos outros (*Fédon*, 78a-79b). Tal mutabilidade poderia muito bem indicar que nenhum tipo de participação poderia se dar eternamente – ou necessariamente, enquanto o próprio participante existisse.

O que se apresenta, entretanto, no *Fédon* (130d-104b), é outro tipo de relação, necessária e eterna, em que algo que é diferente da Forma da qual participa conserva durante toda a sua existência a relação que há com tal diferente Forma. Assim sendo, um ente seria, enquanto existente, retentor de um predicado x por participar de uma Forma X. Forma esta, a qual é totalmente divergente do ente. De tal maneira, um ente que relaciona com a Forma e possui dela propriedades, predicados, pode se conservar durante toda sua existência retentor de determinada propriedade nunca apanhando (λαμβάνων), mas sempre a possuindo (ἔχει) e nunca largando (ἀφιέν). Assim, seria necessário dizer que ele é (ἔστιν) belo, justo, bom, ou quaisquer coisas que seja por participar da Forma, e não é possível dizer que ele se tornou (γίγνεται) belo, justo, bom (ou quaisquer

πῶς γὰρ οὐκ; ἔφη.

predicados cabíveis), pois se ele se tornou é necessário afirmar que antes não era. Contudo, desde sua existência, sempre foi retentor de tal predicado.

Certamente é possível pensar que justo, belo e bom são predicados transitórios, podendo assim um item se tornar justo, belo ou bom, e, em algum momento, não o ser mais. Não pensamos aqui a possibilidade de algum ente seja justo essencialmente, e participe da justiça sem nunca a agarrar, mas sendo justo por possuir a justiça¹⁷.

Como exemplos Sócrates apresenta o caso do fogo, que enquanto existir será quente. Se não for mais quente, não existe e não é mais fogo. A neve, enquanto neve, é fria e se não for mais fria não será mais neve. O número três é ímpar, e não pode acontecer de existir um três não ímpar e que seja par.

Entretanto, os exemplos dados por Sócrates divergem acerca do objeto de que tratam. No primeiro caso, a neve e o fogo, ambos são entes sensíveis que podem ser captados pela senso-percepção. De tal modo, mesmo que estes entes sensíveis nunca permaneçam idênticos a si mesmos e nem aos outros (*Fédon* 78a-79b), eles têm um tipo de participação que permanece enquanto permanece a própria existência do ente: a neve enquanto a neve (χιόνα) deverá possuir (ἔχει) o predicado frio (ψυχροῦ), sob pena de não mais existir enquanto neve caso a participação cesse; o fogo (τὸ πῦρ), por sua vez, deverá ser sempre quente (θερμόν), sob pena de não ser mais fogo se a participação cessar. Não caberá, de maneira alguma, à neve ser quente – uma vez que não existirá mais – e nem caberá ao fogo ser frio. Estas participações, embora se deem entre entes mutáveis, duram enquanto existir o ente.

Todavia, distinto é o caso do número três, uma vez que três não parece ser um ente um ente sensível. Pensa-se duas maneiras de entender o numeral três: (i) ou bem três é predicado de algo (e.g.: Sócrates é três por possuir três partes: cabeça, tronco e membros), ou (ii) bem três poderá ser uma Forma abstrata que confere predicados. Igual seria o caso do Um, do Cinco, e de demais números. Se pensarmos o primeiro ponto (i) deverá haver uma Forma Tríade que possibilite que algo seja três, pois todos os

17 Platão, de fato, não deixa de investigar como seria possível que um ente participe (μετέχει) de uma determinada Forma que lhe confesse um predicado virtuoso, tal como o exemplo da Justiça usado acima. De fato, tal relação é objeto de investigação no livro II da *República* (359c em diante). A investigação de Sócrates e Glauco é sobre a possibilidade de haver um homem justo de tal maneira que continuasse justo mesmo de posse de ilimitado poder, alegoricamente apresentado como anel de Gíges, ou de quaisquer peripécias que podem se dar no tempo. Portanto, a busca de Sócrates e Gláuco no livro II da República é por um tipo de participação (μετέχειν) neste sentido: um homem que é (ἔστιν) justo e jamais poderá vir a ser (γίγνεται) injusto.

predicados precisar tem uma Forma para haver o predicado. Todo três, portanto, é ímpar. Porém, ímpar é um predicado, então há a Forma Ímpar que lhe confere predicado. Assim sendo, todo predicado três deverá participar do Ímpar e ser predicado de ímpar. Logo: todo item que tiver o predicado de três deverá também ser ímpar pois o predicado três participa necessariamente (μετέχει) do Ímpar. Sob o segundo aspecto (ii) para pensar, tem-se que Três é uma Forma abstrata que confere predicado três aos entes que dela participa, porém, é necessário assumir que Três é ímpar, e é ímpar por participar do Ímpar. Nesta participação entre Formas, Três (ou Tríade) que participa de Ímpar, se faz necessário dizer que todo item que participa do Três deverá ser ímpar porque a própria Tríade participa do Ímpar.

Neste tipo de participação – sendo tomado como objeto o fogo, a neve, o três, etc... – o item é [εἶναι] “juntamente com” [μετά] o possuir [ἔχει] a propriedade [οὐσία], denominado a partir da Forma, e não se torna [γίγνεσθαι] algo “juntamente com” [μετά] o apanhar [λαμβάνω] daquela propriedade.

Através da análise dos passos 155e-156a do *Parmênides* é perceptível que μεταλαμβάνω é associável a uma participação mutável, que ora pode ser e pode não ser. E μεταλαμβάνω é apresentado para resolver o problema que traz outro tipo de participar [μετέχω] onde o ente é por participar na Forma, e não é possível se tornar, porque ou bem participa ou bem não participa e não pode participar não participando e nem mesmo não participando, participar. Assim, μετέχω não explica todos os casos de relações entre Formas e entes sensíveis pois existem as relações que iniciam e cessam, que se dizem através de μεταλαμβάνω. O participar de μετέχω é o participar no qual o ente é [εἶναι] por participar da Forma, e sendo não pode não ser, e definitivamente possui [ἔχει] a propriedade [οὐσία].

Por analogia, é possível perceber que este é o caso 103d-104b no *Fédon*, pois o numeral três juntamente com o possuir [μετέχει] a propriedade [οὐσία] do Ímpar, é [εἶναι] três. E não pode ele largar [ἀφει] o ímpar, pois assim deixaria de existir e de ser três. O mesmo ocorre com a neve e o frio, o fogo e o calor.

Mesmo outros pesquisadores de Platão parecem ter se deparado com o problema. Trindade Santos, em sua introdução ao *Sofista*, revisa concepções de participação presentes em Platão. Dentre elas, a do *Fédon*. No texto é possível ler:

Por exemplo, no caso da alma, os predicados “mortal/importal” são atribuídos em função da participação da alma noutra entidade que a inclui (seja, “ a Forma da Vida”: *Féd.* 106d; vide 103a-105e). Todavia,

no caso da atribuição da “altura/pequenez” a Símiias, esses predicados são atribuídos pela comparação de altura de Símiias com as de Sócrates e de Fédon, o que implica legitimar a predicação de acordo com a observação casuística da variação relacional.

Sendo “X” diferente de “algo” (ou o “é” expressaria uma identidade), “alto tem” (pelo menos) momentaneamente um “x”, mediante a participação nele da Forma “X”. No entanto, contextos relacionais (“x tem algo”, agora, mas não antes ou depois; para uns, mas não para outros; em relação a uns, mas uma propriedade “x” a um sensível depende de factores externos, excepto no caso de se tratar de uma propriedade essencial, de “algo ser x” (102b-c). (SANTOS, 2011. p139)¹⁸.

Certamente, vemos o assunto de outra maneira que não a de Trindade Santos ao pensar que a retenção de uma propriedade poder-se-ia ser causada por factores externos, que parecem ser simplesmente frutos da contingência. Vemos assim, pois, pensamos, que não é por outro motivo se não a participação na Forma que um ente poderá vir-a-ser portador de um predicado (*Fédon* 100c-e). Entretanto, o que Trindade Santos não mencionou – mas certamente tinha consciência, só não o fez uma vez que não era o escopo do trabalho o qual estava a realizar no Sofista – é que sua distinção entre participação que apresenta uma propriedade essencial e uma participação que se dá juntamente com factores externos (ou seja, factores temporais, ou seja: uma participação que retém predicados participando do tempo ¹⁹) é exatamente esta distinção traçada entre μετέχειν e μεταλαμβάνειν.

É interessante apresentar que esta distinção é corrente em todo diálogo *Parmênides*, sendo respeitada na maioria dos casos. As únicas exceções nas quais μετέχειν e εἶναι aparecem juntas no diálogo, são:

1. Na fala de Sócrates, em 128a9, Sócrates associa μετέχειν a εἶναι. É importante, então, lembrar que Sócrates é apresentado no diálogo, e em alguns outros momentos, como um personagem ainda inseguro acerca da relação entre Formas e participantes.
2. Em 155c-d μετέχειν é associado a εἶναι. Este é o único passo que poderia apresentar quaisquer problemas à tese dos dois sentidos de participação, pela presença de μετέχειν e εἶναι. Mesmo que um hábil argumentador possa utilizar

18 SANTOS, 2011. Introdução ao Sofista. EM: PLATÃO. **Sofista**. Tradução de Henrique Murachco, Juvino Maia Jr., José Gabriel Trindade dos Santos. Introdução e apêndice de José Gabriel Trindade Santos. Lisboa: Fundação Calouste Gulbenkian, 2011.

¹⁹ Cf. PLATÃO. *Parmênides*. 155e-156^a.

essa passagem para ir contra a presente tese, acredita-se que não haverá vantagem alguma, pois não é exequível pensar contrário a presente tese. Na passagem – como em muitos momentos da segunda parte do diálogo – o *Um* está sendo associado ao Ser, ou desassociado, com o intuito de ser objeto de investigação. Em 155c-d, a única associação é que se diz que o tempo participa do *um* que é e do tornar-se mais velho e mais jovem (χρόνου μετέχει τὸ ἐν πρεσβύτερόν τε καὶ νεώτερον γίνεσθαι) e não aferimos quaisquer maneiras de que a passagem possa, efetivamente, trazer problemas à tese.

3. Nas demais aparições dos termos μεταλαμβάνω no *Parmênides* ou bem surge acompanhado do termo γίνεσθαι, ou bem não é acompanhado de nenhum tempo que possa associá-lo ao “ser” ou ao “tornar-se”. Semelhantemente, μετέχω ou bem irá surgir ao lado de εἶναι ou não indicará o “ser” ou o “tornar-se”. Interpretamos que, quando não indicado, a associação a “vir-a-ser” ou ao “ser” não é interessante ao argumento trabalhado pelos personagens.

Visto isso, é possível concluir que há uma distinção entre μετέχω e μεταλαμβάνω no *Parmênides*. Essa distinção, tal qual descrita é concordante com a que Cornford traça em apenas quatro linhas²⁰. Não tão só, esta distinção reverbera em outros diálogos, pelo menos no *Fédon* 130d-104b.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

CORNFORD, F.M., **Plato and the Parmenides**. Parmenides' Way of Truth and Plato's Parmenides translated with an introduction and a running commentary. London: Routledge & Kegan Paul, 1939.

LIDDEL, H. G. SCOTT, R. **Greek-English Lexicon** - With a revised suplement. Oxford: Clarendo Press, 1996.

PLATÃO. **Parmênides**. Tradução, apresentação e notas de Maura Iglesias e Fernando Rodrigues. Rio de Janeiro: Editora PUC-Rio e Edições Loyola, 2003.

20 Cf. CORNFORD, F. M. 1939. p. 69

_____, **Fédon**. Tradução de Carlos Alberto Nunes. Belém: EDUFPA, 2011.

_____, **República**. Tradução de Maria Helena da Rocha Pereira. 5. ed. Lisboa: Fundação Calouste Gulbbenkian, 1949.

_____, **Sofista**. Tradução de Henrique Murachco, Juvino Maia Jr., José Gabriel Trindade dos Santos. Introdução e apêndice de José Gabriel Trindade Santos. Lisboa: F Calouste Gulbenkian, 2011.

SCOLNICOV, Samuel. **Plato's Parmenides**. Translated with Introduction and commentary. Berkley, Los Angeles, London: University of Caloforn